

A hora do descanso

Credol vossemecê está hoje c'uma cara!
—Pudera não! Quem é que há-de trazer cara alegre nestes tempos?
—Aposto que é inda por causa da carestia de tudo...
—Então por que havia de ser? E a Mariquinhas não acha que é para a gente se consumir? A menina, que é solteira, inda não se rala muito; mas eu e o meu homem, com tanta família a sustentar e com ganhos cada vez mais pequenos... Ora diga-me lá se uma pessoa não há-de andar mortificada e com má cara!
—La isso é verdade. E desgraçadamente, tudo vai para pior.
—Dizem que é por causa da guerra. Maldita seja elal!
—Por causa da guerra e por causa das especulações e ladrocinhas que ela torna inda mais fáceis que de costume.
—E' o que a mim me quer também parecer. Anda em tudo isto muita maroteira. Há muito marau que não sente escrúpulos em enriquecer com a fome do povo. Os ricos são de bem má raça!
—Quall não diga issol! Os ricos são muito boas pessoas, de muito bom coração, cheios de caridade...
—Pois são: são muito boas... p'ra assar.
—Estou a falar sério. Então vossemecê que cuida? Eles também se sacrificam muito com a guerra.
—E' o sacrificas.
—Está claro que sim. Olhe: quer vossemecê ouvir um exemplo que eu li há dias num jornal? Até faz vir as lágrimas aos olhos.
—Está a chuchar, bem vejo. Ora conte lá.
—Na Inglaterra, por causa da guerra, formou-se uma «Liga da Economia das Mulheres».
—Se elas tem tanto como eu, a economia está feita por sua natureza!
—Esteja calada. A liga não é de «mulheres» como nós: aquilo é modestia. Há lá duquesas, marquesas, condessas e outras damas de respeito.
—Bulhal! Então a coisa fia mais fino! Essas, sim, que tem por onde poupar.
—E poumam a valer, coitadas. Quer ouvir o programa das economias, os estatutos da Liga? Aqui está...

—Vá dizendo, Mariquinhas.
—Estricta limitação de extraordinários; redução de gastos em artigos importados. Supressão de objectos desnecessários. Nenhuma moda nova.
—O que eu queria saber é o que elas chamam extraordinários, luxo e objectos desnecessários. Se calhar, são só os colares de pérolas que custam uma riqueza.
—Mas vá ouvindo. Não usar automóveis senão para fins urgentes ou caritativos.
—Então não há-de haver sempre um desses motivos?
—Credo, que má! Ingal... Renunciar ás refeições em casa e no restaurante. Redução das refeições em casa.
—Pão e agua, querem ver?
—Não aceitar criados que sejam aptos para o serviço militar.
—Aí, valentes! Ou vão p'rá guerra, ou arrebentam de fome!
—Vossemecê não falou há pouco em pão e água? Pois pouco menos, coitadinhas. A secretária da Liga, uma mulher dum lorde, Julieta Duff, disse a um jornalista: «As nossas refeições são muito mais frugais. Acho que é tam bom jantar dois pratos como cinco. Muitas vezes janto frango e pudim, ou mesmo carne e queijo».
—Aí as desgraçadinhas!
—Que lhe dizia eu? Não é de partir o coração? Console-se, sr. Aninhas... e dê frango e pudim aos seus pequenos, por economia.
—Ora ouça cá: eu bem sei que a menina tem estado a chuchar; mas então os ricos são ou não são uns malvados?
—Eu lhe digo: são mais ignorantes do que outra coisa. Ignorantes, quero dizer: não sabem em que mundo vivem, o que os cerca, as misérias e sentimentos dos pobres. Senão calavam-se muito caladinhos, e não faziam daquelas figuras, cuidando que se tornam simpáticos.
—Na verdade, aquilo inda nos faz ter mais raiva contra eles...
—Estão naquela situação, que quer vossemecê? E é a situação das pessoas que é preciso modificar, por que é ela que as torna más.
—Pois sim: não será a guerra que a modificará, está me cá a palpar...
—Lá isso... Só se o burro, desesperado, sacudir a albarda...

DIABO RUBRO

MARIAS MADALENAS

Maria Madalena, segundo a religiosa lenda, foi uma mulher perdida, a quem Cristo perdoou, regenerando-se ela e vindo até a ser canonizada pela Igreja. Não obstante, são raríssimas as criaturas que, dentre as multidões religiosas de hoje, perdoam e se aproximam das modernas Marias Madalenas! Que é este facto se dá entre criaturas religiosas é coisa que não nos surpreende, porque todos nós sabemos que as pessoas que enfermam do mal religioso, não possuem a razão tão esclarecida quanto seria necessário para compreenderem a elevação de tais actos; do contrário, não eram religiosas.
Mas o que é para lamentar, o que eu lamento com toda a minha sinceridade de idealista, é que, mesmo as criaturas que apregoam as mais belas ideias de justiça e de regeneração humana, não tenham ainda, suficientemente desenvolvida a bondade no coração, por forma a saberem perdoar e sobretudo, a levantar da lama, as infelizes criaturas que nela caíram, inconscientemente, impelidas por uma educação desgraçada e em virtude de haverem nascido e vivido num meio infeccioso, donde ninguém as arranca.
Eu, que não sou boa, mas que tive e parece-me que ainda tenho! — a ingenuidade de conceber uma sociedade constituída por criaturas possuidoras da bondade no mais alto grau; criaturas tão cheias de bondade, que nem eu mesmo posso bem definir; criaturas incapazes, em absoluto, de molestar na mais minima parte, a dignidade e o bom nome dos outros, sinto que o coração se me confrange horriavelmente, que a alma se me esvai em espasmos de dor, ante o doloroso conhecimento de que estou muito longe ainda dessa sociedade que a minha pobre imaginação tão cuidadosamente concebera e que, ainda hoje, mesmo aqueles que deviam, porque tem consciencia pa-

ra isso, procurar por todas as formas arrancar do pantano em que se encontram as infelizes Marias Madalenas dos nossos dias, são os primeiros, talvez, a enterrar as ainda mais, espalhando, aos quatro ventos, a sua desdita, cobrindo-as de opróbio e vergonha, como se elas, coitadas, tivessem culpa de haver nascido num meio pernicioso, de não lhes darem uma educação melhor, de viverem numa sociedade cheia de aleijões de toda a espécie ou de natureza não as haver dotado dum entendimento superior!
E' espantoso e triste!
Agora pergunto eu: Não será sempre tempo de deixar a caminho do Mal para tomar o do Bem? Se assim é, não seria muito mais louvável e humano, aproximarmos-nos das criaturas que trilham o caminho da perdição e, muito sinceramente, fazer-mos-lhes ver que não seguem por bom caminho, apontando-lhes aquelle porque devem enveredar, para que atinjam ainda, e bem depressa, o fim moral que nos prende a este miseravel mundo? E quando se trata de criaturas que não estão ainda inteiramente perdidas, esta tarefa tão bela, não deve, talvez, ser muito difficil, penso eu!
O conhecimento de certos factos enche-nos duma tristeza que nos faz aborrecer e detestar esta vida miseravel que bem podia, afinal, ser tão bela, se o homem tivesse no peito um coração, e se em vez de instintos baixos tivesse sentimentos.
Ora vamos: Evitemos a maior soma de perversão possível; corramos a salvar as pobres criaturas que se encontram resvalando para o abismo da perdição; levemos-lhes o nosso carinho, a nossa palavra animosa e inflamada de bons ensinamentos; vamos ao seu encontro e tragamo-las para o nosso caminho e jámas as desamparemos! E quando as tephámos em nosso seio, não consiatámos que elas recordem o seu tortuoso e infeliz passado, porque essas tristes reacr-

dações podem originar-lhes bem delorosos sofrimentos que nos sempre evitar; devemos antes, quando isso suceda, fazer-lhes esquecer a corda de martirios que ajudámos a despedaçar, redobrando as nossas palavras amigas e repassadas de carinho.
Assim, far-se-ia muita coisa bela que representaria uma boa propaganda anarquista!
Maria José Pires dos Santos.

«O argumento ético»

A guerra actual, que é a das forças do germanismo e do eslavismo disputando o prestígio moral e a dominação politica e económica nos Balcaes, deu em resultado o agregarem-se as potências menos segundo as suas afinidades étnicas do que segundo os seus interesses. Porque são os interesses materiais os que levantaram os Estados uns contra os outros.
Alguns homens de coração desejariam que, mercê do incêndio que arde na Europa inteira, se rectificassem os abusos de força que são as anexações territoriais. Mas a questão é terrivelmente embrulhada.
Assim, uma das razões maiores que impedem a România de participar na grande zaragata, é, além do recuo dos russos e da toma de Przemysl pelos austro-alemaes, o seu desejo de retomar a Rússia a Bessarabia, de que ella foi implacavelmente amputada.
Clemenceau incita a România a não levar longe demais o «argumento ético», porque, diz elle, a generalização desse sistema «conduziria a Europa em linha recta a uma chacina universal». Ora, a respeito de chacinas, já estamos bastante bem servidos.
Do seu lado, o sr. Loão Bailby crê que depende da Rússia, do seu espirito conciliador, o arrastar ella consigo «as últimas hesitações de certos neutros».
«Tal é», escreve o director do Intransigent, o esforço útil que esperamos da Aliada, da amiga que seguimos fielmente desde a primeira hora, e que lialmente trabalha pela vitória comum.»
Os que ingenuamente julgam, contrariamente á realidade histórica, que a guerra actual resulta duma hostilidade entre a França e a Alemanha, ficarão edificadas. A França seguiu fielmente a Rússia, desde a primeira hora, num conflito em que, primitivamente, só estavam empenhados os interesses eslavos e os interesses germanicos.
Escusado é dizer que nesses interesses iniciais se enxertaram depois outros interesses, que o conflito se alargou consideravelmente e que no estado actual das coisas nada há que deixe prever-lhe o fim.
Bem temerário seria quem pudesse dizer o que há-de ser a Europa após as inúmeras destruições eia gigantesca sangria.
A. D.
(De La Bataille Syndicaliste).

Mudança de sede

Levamos ao conhecimento dos camaradas, grupos anarquistas, núcleos sindicalistas e associações da classe, que a redacção e administração de AURORA mudaram a sua sede para a Rua do Sol, 131. Na mesma casa se encontram instalados o Núcleo Juventude Sindicalista e o Centro Instructivo de Propaganda Libertária, para onde lhes deve ser enviada toda a correspondência.

Nous avertissons les camarades, les groupes anarchistes, les journaux, les Syndicats et les Federations ouvrières, que la redaction et administration de A. Aurora ont changé pour la Rue du Sol, 131.

LEIAM OS POLITICOS OS FINANCIEROS E A GUERRA

PREÇO 50 REIS

VIDA SINDICAL

União dos Sindicatos Operários de Lisboa — Reunião no dia 6 do corrente a assembleia de delegados.

Foi lida e aprovada a acta da sessão anterior. Foram lidos os seguintes officios: da Associação do Pessoal da Exploração do Porto de Lisboa, enviando novos delegados; da Associação dos Torneiros de Metal, pedindo explicações acerca duma questão com o seu delegado; da Associação dos Caxeiros, oferecendo a sua nova sede e convidando para a festa d'inauguração da mesma nos dias 12 e 19 do corrente; da Associação dos Chuffers, agradecendo a cooperação desta União na sua festa e da Associação dos Medidores de Certeias pedindo o auxilio da União para conseguirem que lhe seja dado o trabalho de medição da Companhia Nacional de Moagens, que lhe foi tirado sem motivo justificado.

Sobre este officio falaram diversos delegados que apreciavam a forma incorreta como a Companhia Nacional de Moagens proce-te para com estes assalariados, sendo aprovada a seguinte proposta:

«A assembleia de delegados da U.S.O. tomando na devida consideração a queixa que lhe foi feita pela Associação de Classe dos Medidores de Cereias da Praça Commercial de Lisboa, por lhe ser retirado o trabalho pela Nova Companhia Nacional de Moagens, pelo facto de serem associados, resolve nomear uma comissão que se avistará com a direcção da dita Companhia para que a esses camaradas lhe seja dado o trabalho como de direito lhe pertence.»

Na ordem dos trabalhos foi presente o parecer sobre a proposta para a criação dum jornal diário operário, e cujas conclusões são as seguintes:

«1.º Pôr de parte a ideia, por enquanto, da publicação dum diário operário; 2.º Não poder ser O Sindicalista, pela sua orientação definida, o órgão que se deve publicar; 3.º Que de accordo com a U.O.N. se crie um boletim mensal; 4.º Que todos os delegados façam a devida propaganda para que em breve reapareça O Sindicalista e que para isso seja convidado o grupo editor a dar começo aos respectivos trabalhos.»

Sobre o parecer falaram diversos delegados, com elle concordando e sendo aprovado pela assembleia.

Foi lido um manifesto da Associação de Classe dos Cabouqueiros e Canteiros de Montelavar, no qual accusam o sr. Martins Santarém de ali cometer várias irregularidades.

Foram presentes as bases duma proposta de lei, sobre os arrendamentos dos prédios rústicos e urbanos, apresentada ao parlamento pelo sr. Ministro da Justiça, sendo resolvido estudá-la para apresentar as reclamações que se julguem convenientes.

A assembleia tambem resolveu que de accordo com a U.O.N. fosse consiuido o Conselho Juridico.

A assembleia de delegados reunie no dia 20 do corrente, ás 21 horas precisas, lembrando-se a todas as associações aderentes que recomendem aos seus delegados para que não faltem.

União Operária Nacional (Lisboa) — Reunião a comissão administrativa, dan lo o devido destino a todo o expediente enviado a esta União.

Apreciou devíd mente todos os trabalhos que devem ser entregues ao Conselho Central que se referem á nomeação pelo governo da comissão que ha-de elaborar uma nova lei que hade reger as Associações de classe em substituição da de 9 de maio de 1891, o sobre a nomeação e elaboração da Bolsa de Trabalho.

A sub-comissão nomeada para tratar da questão das subsistencias, ultimou os seus trabalhos para os apresentar em sessão conjunta das Uniãos, Operaria Nacional, Sindicatos Operarios e Federação das Industrias.

União Operária Nacional 2.ª Seção (Porto) — Reunião na penultima segunda-feira a comissão administrativa desta instituição operaria. Presidiu o delegado dos Marceneiros, secretariado pelos delegados dos Ourives de Prata e Carpinteiros Portugueses, occupando-se dos seguintes assuntos:

Officio da Associação de C. dos O. Curtidores e Surradores de Guimarães nomeando seu delegado director o profissional Anibal José Pereira; officio, por intermedio da Associação de C. dos O. Barbeiros e Cabeleireiros, duma reunião conjunta sobre regulamentação de horas de trabalho; baixos ao Conselho Central.

Tomou-se conhecimento, por meio de manifestos enviados a esta União, do movimento grevista dos Cutileiros de Guimarães aos qu'is se resolveu officiar oferecendo auxilio. Por ultimo designou-se a ordem dos tra-

balhos para a reunião do Conselho Central, e encerrou-se a sessão.

Efetuu-se a reunião do Conselho Central na ultima segunda-feira sob a presidencia do companheiro Vicente d'Oliveira, delegado das Associações dos Carpinteiros, e secretariado por Albano da Silva, dos escultores e Anibal Pereira, dos curtidores e surradores de Guimarães.

O expediente constava do seguinte: Officio da Associação dos Curtidores e Surradores de Guimarães nomeando o seu delegado; inteirado; officio da 2.ª seccão da Associação Textil, do Pivedem, informando as condições do trabalho na sua industria naquela localidade; inteirado; circular do comité pró presos por questões sociais, convidando a U.O.N. a fazer-se representar nas suas reuniões; nomeados, Delfim da Silva, Anibal Pereira e Julio de Campos.

Em seguida foi, pelo camarada secretario geral, feito o relato dos trabalhos da C. A. durante o interregno das sessões do C. C. os quais produziram boa impressão na assembleia, tal é o seu valor, especialmente na parte que diz respeito á acção organizadora da C. A.

Foi depois nomeado para vogal da C. A. Delfim da Silva, delegado dos Pedreiros Portugueses em substituição de José Alves.

Por fim foi apreciado um officio da Associação dos Barbeiros Portugueses, a qual, em nome de 17 colectividades convidava a U.O.N. a tomar parte no movimento pró-regulamentação do horario de trabalho. Depois de largamente debatido o assunto foi resolvido officiar-lhe dando explicações em harmonia com as resoluções anteriormente adoptados, e mandar-lhe delegados para em reunião conjunta das colectividades referidas, demonstrar qual a missão da U.O.N. no movimento operário e qual a sua attitude perante o movimento do horario de trabalho.

—Por iniciativa da U.O.N. está organizada a União dos Sindicatos de Coimbra e está em organização a U. dos S. da Povoia de Vazim.

Nucleo Juventude Sindicalista (Porto) — Reunião geral. Em virtude de não se ter effectuado a reunião geral ordinaria no ultimo domingo, são novamente convidados os socios deste Nucleo a assistirem á referida reunião, que se realisa hoje, pelas 10 e meia horas.

E' indispensavel a compatência de todos os associados, pois que ha um assunto de importancia a resolver.

Correspondencia administrativa

Subscriçoes voluntárias

Porto — A. P. \$36; Loio (barbas) 15; Bento, 306. Gaia — S. A. Longo, 377. Lisboa — Saraiva (quota mensal) 50; A. Oliveira, 510; H. A. Barreto, 540. Chaves — J. M. Paiva, 505.5. Beccarel — D. S. Monteiro 503. Bihé — M. J. R. Souza, 1510.5. Soma, 4538.

Assinaturas

Porto — A. D. Azevedo, 505; F. Azevedo, 1530; Assinantes, 11548. Alentejo — D. S. Machado, 330. Vila do Conde — J. G. Pereira, 510; A. D. Fortes, 505. Funchal — Assinantes, 5545. Elvas — F. S. Lopes, 115. Aldega-tega — J. Cardoso, Associação dos Rurais, 2x330. Extremoz — D. P. Ventas 505. S. Tiago do Escorial — Assinantes, 1509.5. Vilar Formoso — M. A. Fonseca, 330, Oitão — M. A. Fernandes, C. S. Nobre 2x30. Beccarel — D. S. Monteiro, 330. Freixo de Espada à Cinta — A. Castro, 335. Evora — J. Gomes, 333. Bihé — M. J. R. Souza, 1505. Vila Real de S. Antonio — A. G. Toledo, 510. Sarcarena — M. Pinheiro, 325. Castimbra — F. Silva, 155. Sines — J. A. Almeida, 505. Lisboa — H. A. Barreto, 560. Soma, 25510.5.

Venda de jornais

Porto — Redacção, 583,5; Vendedor 321,5; Agencia de Publicações 3303,5; C. Carvalho, 334. Funchal — J. Albuquerque 379. Vate de S. Tiago — J. A. Bruno, 370. S. Mamede do Infesta — A. S. Malta, 310. Lisboa — Quiosques, 10509; A. A. Nunes, 550; A. Oliveira, F. Fernandes, F. Aparicio, 3x330; A. Freitas, 560. Coruche — J. N. Mendanha, 1540. Vendas Novas — J. J. Capote, 1568. Setúbal — Associação dos Trabalhadores Rurais, 55. Almada — Nucleo Juventude Sindicalista; 1533. Povoia de Vazim — E. Corrêa 376. V. Real de S. Antonio — 12,5. Portalegre — A. Costa 1568. Chaves — J. M. Paiva, 1515. Sarcarena — Nucleo Juventude Sindicalista, 1525. Faro — A. S. Capela, 1545.5. Evora — A. J. Diniz, 1519. S. Mansões — Associação dos Trabalhadores Rurais, 1502. Vila Real — A. Silva, 5.5. Caramujo — A. Chula, 1506. Soma, 37545.5. Total 66394.

Tipografia n.º 263, 264 e 265 . 35570 Selos para expedição e cobrança, livros, carboneto, etc.. 29580,5

RESUMO
Recelta . . . . . 66394
Despesa . . . . . 65830,5
Saldo . . . . . 1563,5